

Escavação arqueológica na Igreja Matriz do Colmeal-breve notícia

Resumo

Esta pequena notícia tem como objectivo divulgar os dados, ainda que bastantes preliminares, resultantes da escavação arqueológica realizada na Igreja Matriz da Freguesia do Colmeal, concelho de Góis.

A intervenção arqueológica realizada nesta Igreja promovida pela comissão fabriqueira da Igreja do Colmeal, esteve a cargo da empresa Ricardo Teixeira e Vitor Fonseca, Arqueologia Lda., com sede em Matosinhos, sob a coordenação e direcção científicas do arqueólogo Rui Pinheiro, signatário do presente artigo, e decorreu em duas fases.

Numa primeira fase, decorrida entre os dias 21 e 25 de Fevereiro de 2011, os trabalhos arqueológicos empreendidos circunscreveram-se à realização de uma sondagem de avaliação arqueológica encostada à parede Sul da nave da igreja com cerca de 10 m² e tiveram como principal objectivo avaliar o potencial e os níveis arqueológicos afectados pela execução da obra. realizou-se.

Mediante os resultados aferidos a partir desta sondagem de avaliação arqueológica, foi decidida a escavação em área da nave, da capela-môr, da capela de S. José e de um pequeno anexo localizado entre a capela de S. José. Esta fase de escavação em área decorreu entre os dias 14 de Março a 21 de Julho de 2011, perfazendo um total de cerca de 165 m².

Enquadramento histórico/arquitectónico

A igreja do Colmeal, constituída por uma só nave, sofreu várias alterações arquitectónicas ao longo dos séculos. A Sul desta estão situadas a torre sineira e a capela de São José, construída em honra deste santo em meados do século XIX. A Norte da igreja, encostada à capela-môr, foi implantada a sacristia em data desconhecida para nós.

A data de construção desta igreja, aumentando uma pequena capela dedicada a S. Sebastião pré-existente, podemos situa-la cerca de 1560, quando o Bispo de Coimbra D. João Soares promoveu o Colmeal a sede de freguesia, mantendo-se o orago a S. Sebastião.

Introdução geo-morfológica

A freguesia do Colmeal pertence ao concelho de Góis, distrito de Coimbra e está inserida na Beira Alta.

Morfológicamente, a freguesia do Colmeal está situada no vale do rio Ceira, afluente do Mondego, numa região bastante acidentada onde existem vales profundos encaixados nas serras, algumas com altitudes consideráveis, drenados por uma série de linhas de água afluentes do Rio Ceira.

O povoamento é disperso, com uma baixa densidade populacional, < 22,60 pessoas por Km², assistindo-se mesmo à desertificação total de várias aldeias serranas.

A nível litológico nas zonas das Serras da Lousã e do Açor, zona onde está inserida a aldeia do Colmeal, predominam as formações sedimentares e metamórficas dos Xistos e Grauvaques.

A nível dos solos predomina os cambissolos Húmicos, associados ao substrato geológico de origem xistoso.

A nível de paisagem domina a floresta; salpicada aqui e ali por pequenos campos/hortas agricultadas, geralmente em zonas mais aplanadas e próximas de linhas de água, sendo as espécies florestais que predominam o eucalipto, o pinheiro-bravo e as mimosas, embora a floresta original fosse constituída por castanheiros, pinheiro-bravo, urzes e carvalhos.

A principal actividade económica do concelho de Góis é a exploração da extensa mancha

florestal que possuem.

A nível climatérico esta zona caracteriza-se por uma forte precipitação principalmente nos meses de Inverno;, caindo esta às vezes sob a forma de neve, temperaturas médias anuais baixas e por uma baixa insolação.

Metodologia de campo

A metodologia seguida para esta intervenção arqueológica baseou-se no sistema de escavação e registo preconizado por Harris. Este método é definido pela identificação de Unidades Estratigráficas(UE) que podem ser unidades de deposição, quer naturais quer por acção humana; elementos interfaciais; quer horizontais quer verticais ou elementos arquitectónicos; muros,etc que são individualizados pelas suas características físicas(compactação, cor, forma, composição, etc) quer pelos materiais incluídos(carvões, metais, cerâmica, vidros, etc) e sobretudo pelas suas relações estratigráficas com as outras unidades(coberta por, cortada por, cheia por, serve de apoioa, igual a, sincroniza-se com, cobre, corta, enche, apoia-se). A planta assume um papel fundamental na identificação destas relações estratigráficas, assumindo assim os cortes da escavação um papel secundário à interpretação arqueológica.

Cada unidade estratigráfica foi alvo de registo através da fotografia digital; com placa identificadora, escala e com seta do Norte posta em referência ao Norte magnético; dos desenhos de plano à escala 1/20 e do preenchimento da ficha de unidade estratigráfica. Todos os planos e desenhos de cortes foram cotados altimetricamente em relação a um ponto fixo na escavação (ponto 0) e convertidas posteriormente à altimetria real.

Relativamente ao espólio exumado este foi recolhido e individualizado em sacos plásticos devidamente identificados com etiquetas, as quais possuem o acrónimo, a unidade estratigráfica, o tipo de material, a data e o operador e, posteriormente, acondicionado em contentores de plástico até ao tratamento a realizar em gabinete.

Descrição dos níveis arqueológicos

4º Nível de enterramentos:

Este nível de sepulturas, aberto/escavado no substrato geológico que é constituído por um xisto bastante frível, é o mais antigo.

Ocupa toda a área do corpo da igreja, embora a sua maior concentração seja no Cruzeiro(zona localizada junto à entrada da capela-môr). Este nível de sepulturas/enterramentos poderá ainda prolongar-se para o interior da capela-môr e para próximo da porta de entrada principal da igreja (Oeste), já que a escavação, e pelo facto de já estarmos abaixo da cota de afectação da obra, terminou em dois pisos, um deles constituído por uma espécie de argamassa de cal, material de construção moído e areia junto à porta principal da igreja do século XVII ou mesmo anterior a este século e um outro na capela-môr constituído por terra e saibro compactado datável do século XV ou XVI, pois foi recuperado do seu interior um Ceitel. Este último piso está associado às estruturas identificadas na capela-môr as quais pertenceriam, muito provavelmente, à antiga capela Baixo-Medieval, ou anterior, dedicada ao culto de S. Sebastião.

Este nível de sepulturas podemos datar de grosso modo, do século XV, embora seja possível que todo este nível seja anterior ao século XV ou pelo menos algumas destas mesmas sepulturas sejam anteriores a este século. Tratam-se de sepulturas em covachos de forma ovalada, sepulturas antropomórficas ou com feições antropomórficas ou sepulturas em covacho de forma sub-retangular, embora estas últimas sejam raras (Fig.1).

A orientação destas é canónica, W-E, com os pés virados a Este, embora 5 sepulturas (559, 560, 565, 578, 569, 581 e 579) inflictam ligeiramente para uma orientação NW-SE. Esta pequena inflexão poderá ter a ver com as características do substrato geológico ou da altura do ano em que estas sepulturas foram construídas.

É de notar que as sepulturas com feições antropomórficas foram todas cortadas por

sepulturas em covacho de forma ovalada, notando-se também uma maior concentração destas junto ao Cruzeiro da igreja, local onde estaria a antiga capela dedicada ao culto de São Sebastião.

Assim deste nível temos um total de 27 sepulturas, 4 antropomórficas, 21 em covacho de forma ovalada e 2 em covacho de forma sub-rectangular.

É de salientar que este nível de sepulturas sofreu várias destruições pelos níveis de sepulturas mais recentes.

3º Nível de enterramentos:

Este nível de sepulturas, constituído por covachos de forma ovalada, os quais são mais visíveis e bem organizados junto à porta de entrada da igreja, portanto na zona Oeste do corpo desta, é datável do século XVII ou finais do século XVI inícios do XVII (Fig.2).

A este mesmo nível podemos associar um piso em saibro compactado, localizado junto à parede Norte da Nave da igreja, estando a mesma construída sobre este piso que serviria como uma espécie de corredor a este nível de enterramentos.

As sepulturas que constiuem esta fase foram bastante destruídas pelo nível de sepulturas imediatamente posterior. Similarmente, foram cortadas pelas valas de fundação dos pilares, a Sul e a Norte, de sustentação do coro alto.

Neste nível de enterramentos que foi aberto/construído sobre uma camada de terra de matriz arenosa, de grão médio que cobria o piso e a estrutura localizada junto à porta da igreja, como também enchia algumas sepulturas do 4º nível de enterramentos; foram identificadas 13 sepulturas.

A nível de material recolheram-se contas de terço/rosário, solas de sapato e alguma cerâmica (comum e faiança), datável do século XVII.

2º Nível de enterramentos:

Este 2º nível de enterramentos é formado por covachos de forma ovalada, abertos num sedimento de matriz arenosa de coloração acizentada e que têm uma orientação canónica, W-E, com os pés virados a Este (Fig.3). Tal como o nível anterior, estas sepulturas estão mais bem organizadas e visíveis junto à porta da igreja até, mais ou menos, ao meio do corpo da igreja onde o substrato geológico começa a aparecer-nos a uma cota superior. A “desorganização” verificada junto ao Cruzeiro, ou seja, junto à capela-môr, para além de ter a ver com o facto do substrato geológico estar a uma cota superior, tem, principalmente, a ver com os costumes da época, quanto mais perto da capela-môr o corpo ficasse melhor. Era nesta mesma capela-môr que as relíquias da igreja se encontravam, deste modo, o defunto estaria assim mais protegido na sua viagem até ao momento da ressurreição final.

Neste nível de enterramentos existem sepulturas não só apenas com um indivíduo, mas também, em alguns casos, com 3 a 4 indivíduos em cada interface vertical de abertura de sepultura (Fig.4). Foram ainda identificadas inumações para as quais não é perceptível qualquer covacho.

De todos os níveis, este parece-nos ser o mais bem representado e podemos datá-lo, com toda a segurança de meados do século XVIII. Foram encontradas diversas moedas de D. João V, associadas directamente aos indivíduos ou ao enchimento das sepulturas. Para além destes elementos surgiu-nos também diversas contas de terço em azevia, vidro ou de madeira, cruces, crucifixos em bronze ou em madeira, alguns objectos de uso pessoal, restos de vestuário, sapatos, entre outros (Figs. 5 e 6).

Associados a este nível de enterramentos, quer dentro das sepulturas, quer imediatamente no topo destas ou ainda como se registou num caso no interface vertical aberto prepositadamente para o efeito, escavou-se uma série de ossários, alguns bastante grandes e no meio dos quais surgiram várias conexões anatómicas isoladas, o que demonstra de forma inequívoca que nesta altura houve uma necessidade muito grande de enterrar e que os corpos eram “manipulados” ainda com tecidos moles.

1º Nível de enterramentos:

Este nível de enterramentos, datável do século XIX, finais do século XVIII a meados do século XIX, encontra-se muito remexido já que por cima tínhamos o soalho de madeira que formava o actual piso da igreja.

Neste nível encontrámos várias conexões anatómicas que nos possibilitaram a identificação de várias inumações primárias, embora não nos fosse possível ver os enchimentos das sepulturas ou os interfaces verticais das mesmas. Similarmente, foram exumados diversos ossários alguns deles de alguma dimensão.

Destaca-se a escavação, junto à porta da igreja de restos ósseos de um indivíduo com orientação contrária à orientação canónica, isto é os pés estão virados para Oeste e de um caixão de madeira localizado junto à parede Sul da nave da igreja, cuja a vala de enterramento deste corta sepulturas do 2º nível(século XVIII).

O enterramento, arqueologicamente, mais recente é a sepultura localizada na capela-môr com uma orientação E-W, portanto, contrária à orientação canónica; com os pés virados a Oeste; que nos permitiu recolher um numisma do reinado D. Maria do ano de 1844. Esta sepultura, quer pela sua orientação quer pela sua localização pertenceria, muito provavelmente, aos sacerdotes, o que é atestado pela análise bioantropológica aos restos ósseos exumados da mesma. Recuperou-se além de um ossário no qual estão representados dois indivíduos adultos do sexo masculino um esqueleto em conexão anatómica também de um indivíduo adulto do sexo masculino. Este ainda possuía as fivelas em ferro dos seus sapatos(Fig. 7).

Refira-se ainda, em particular, a escavação de uma sepultura, identificada pela unidade estratigráfica 551, localizada entre os pilares de apoio do coro alto que podemos inserir, provisoriamente, no 4º nível de sepulturas. O enchimento desta sepultura, com uma orientação aproximadamente NW-SE, estava coberto pelo nível de terras/aterro que foi feito para “construir” o 3º nível de sepulturas (século XVII), no entanto, e mesmo após a sua escavação não nos foi possível compreender se esta corta a estrutura constituída por lajes de xisto com barro a servir de ligante, identificada com a UE 552, ou se ambas formam uma sepultura, sendo a estrutura pétrea a cabeceira da mesma.

Desta sepultura exumou-se um indivíduo com cerca de 7/8 anos e recolheu-se uma moeda que nos poderá permitir balizar cronologicamente esta sepultura e assim compreendê-la melhor(Fig. 8).

Conclusão:

Os dados aqui expostos são ainda preliminares carecendo, deste modo, de uma análise mais cuidada. É necessário proceder-se a um estudo mais detalhado do espólio arqueológico exumado para conseguirmos uma periodização e sequenciização dos níveis arqueológicos mais precisa e assim compreender melhor a evolução arqueológica deste espaço agora ocupada pela igreja matriz do Colmeal.

Não obstante podemos já avançar com algumas conclusões, obtidas apenas a partir dos dados de campo:

- este espaço serviu como lugar de enterramento durante um período de tempo mais ou menos longo, pelo menos desde o século XV até meados do século XIX, cerca de 450 anos.
- de todos os níveis de enterramentos o mais bem representado e o mais bem conservado é o nível do século XVIII, isto poderá ter várias explicações ou a freguesia do Colmeal durante este século teria bastante população, ou houve uma necessidade de enterrar muito grande entre outras explicações.
- foi possível escavar, pelo menos parte, as estruturas localizadas na capela-môr que

constituíam, provavelmente, parte da antiga capela dedicada a S. Sebastião. Estas estruturas são datáveis, e tendo como base o cruzamento dos dados arqueológicos com os dados documentais, pelo menos do século XV.

– a actual igreja teve várias evoluções arquitectónicas ao longo do tempo, não tendo sido construída de uma só vez. A parede mais antiga será a parede Sul da nave da igreja, a parede Oeste terá sido construída antes do século XVII e a parede Norte da nave da igreja, bem como, o coro alto parecem ter sido construídos/reconstruídos em meados do século XVII.

Agradecimentos:

Agradeço, sem nenhuma ordem especial a toda a equipa técnica que possibilitou executar este trabalho na Igreja Matriz do Colmeal: André Saraiva, Alexandre Pinto, José Grilo, Cláudio Jorge, Ricardo Mota, Bebiania Mota e em especial pelos conselhos, sugestões e dados à antropóloga Zélia Rodrigues responsável pela parte da Antropologia.

Figuras:



Fig. 1: 4º nível de sepulturas.



Fig. 2: 3º nível de sepulturas.



Fig 3: 2º nível de sepulturas- covachos e enchimentos das sepulturas.



Fig. 4: Enterramentos do século XVIII. 2º nível.



Fig. 5: Cruz em madeira proveniente do 2º nível de enterramentos. Século XVIII.



Fig. 6: Restos de um Terço proveniente do 2º nível de enterramentos. Século XVIII.



Fig. 7: Sepultura de um sacerdote localizada na Capela-Môr. 1º nível de enterramentos.



Fig.8: Sepultura localizada entre as bases dos pilares do coro alto.

Bibliografia

Harris, Edward C. (1991)- *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, , Barcelona, Editorial Crítica.

Brites, Maria José; Almeida, Paula Cardoso; Resende, Sónia e Gonçalves, Eduardo (2008)- *Atlas de Portugal. Beira Alta, Beira Interior, Beira Litoral, Maciço Central- Natureza e Meio Ambiente. Vols.5 e 6*, Matosinhos, QN- Edições e Conteúdos, S.A.

Barroca, Mário Jorge; *Necrópoles e Sepulturas Merdievais de Entre-Douro-e-Minho(Séculos V a XV)*, Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto(texto policopiado); Porto; 1987.

Ferreira, J. M. Simões(2009); *Arquitectura para a Morte. A questão cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*; Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Ariès, Philippe(2000); *O Homem perante a Morte I*; Mem Martins Publicações Europa-América.

Ariès, Philippe(1988); *O Homem perante a Morte II*; Mem Martins Publicações Europa-América.

Documentos Electrónicos

www.cm-gois.pt